

17 ABR 1997

A ousadia dos moradores da Estrutural continua sem limites. Agora, vão inaugurar uma feira permanente no local

INVASORES FAZEM A FEIRA

Philio Terzakis
Da equipe do **Correio**

A invasão provisória já tem uma feira permanente. Mais um empreendimento imobiliário com a marca da Estrutural. Permanente e explícita, a feira foi construída bem às vistas do Governo do Distrito Federal, às margens da Estrada-Parque Ceilândia — a Via Estrutural. A inauguração já tem data marcada: o próximo domingo, um dia antes do 37º aniversário de Brasília.

A invasão sempre teve uma feira livre. Uma ou mais vezes por semana, os feirantes da área montavam e desmontavam suas bancas na frente da sede da Associação de Moradores da Estrutural (Asmoes). O problema é que, agora, a feira tem barracas de alvenaria. E as construções de alvenaria são proibidas pelo governo, porque a invasão é considerada provisória.

Como sempre, os invasores não estão nem aí. Há dois meses, quando começaram as obras, até foram notificados pelo Instituto de Desenvolvimento Habitacional (Idhab). "Fizemos uma reunião e colocamos a questão em votação. Os feirantes decidiram que a construção ia continuar", contou a vice-presidente da Asmoes e principal líder comunitária do lugar, Marlene Mendes.

A feira está quase pronta. São 63 barracas com 2,17 metros de largura por quatro de comprimento. Foram construídas com tijolos e madeira. O teto é de brasilit. Elas estão alinhadas em cinco filas, formando um retângulo de 32 metros de largura por 105 de comprimento. Cada feirante pagou uma média

Paulo de Araújo



A feira permanente da Estrutural terá 63 barracas de alvenaria, que custaram aos donos R\$ 300 cada uma. Ademir da Silva já vende seus cachorros-quentes no local

de R\$ 300 pela mão-de-obra e pelo material de sua barraca.

COMISSÃO

A maior parte do material de construção foi comprada na loja da própria Marlene — que funciona ao lado da casa dela, bem na entrada da invasão. As barracas foram construídas pelos feirantes, com a ajuda de um pedreiro que

mora lá mesmo. "A associação só administrou as obras, para tudo sair organizado", ressaltou a líder comunitária.

Os feirantes formaram uma comissão com dez representantes escolhidos entre eles. A comissão tem um diretor de feira e é subordinada à Asmoes. Só tem direito a uma barraca quem mora na invasão, está inscrito no Idhab e é cadastrado na

associação. Como associado, o feirante também não pode deixar de pagar a taxa mensal de R\$ 5 para Marlene.

Na feira, os invasores vão vender de tudo. Roupas, calçados, alimentos. "Vamos ter a barraca do produtor, onde os chacareiros da área vão vender frutas e verduras mais baratas que na Ceasa (Central de Abastecimento)", garantiu uma mora-

dora que preferiu não se identificar. Segundo Marlene, o comércio deverá funcionar diariamente.

Para Ademir da Silva, 38 anos, a feira já começou. Morador da invasão há dois anos, ele vendia cachorro-quente, balas e bombons em um carrinho, bem na entrada da Estrutural. Comprou uma das 63 barracas e levou seu comércio para lá. "Agora, o carrinho só serve para le-

var e trazer mercadorias de casa", diz Ademir, que mora na casa 14 da invasão.

DESAFIO

De acordo com o Idhab, a área tem atualmente 3.300 famílias — cerca de 15 mil pessoas. O Governo do Distrito Federal não aceita a invasão e pretende transferir as pessoas para duas quadras no Recanto das Emas. Mas os moradores têm vontade própria. Uma pichação, feita em uma das barracas da feira, resume bem a filosofia do lugar: "O desafio contra a lei".

A cada dia, os moradores da Estrutural avançam mais um passo para a permanência definitiva no terreno onde o governo quer construir o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (Scia). A invasão cresce e o governo cede. Desde 1995, as incontáveis ameaças de retirada foram frustradas pela resistência dos ocupantes do lugar.

No final do ano passado, o Idhab realizou um levantamento sócio-econômico dos invasores e dos imóveis existentes na área. No entanto, até agora o relatório não foi concluído. O escritório do Idhab, construído para facilitar a transferência das famílias para o Recanto das Emas, encontrava-se fechado ontem de manhã.

"Será feito o que for necessário para garantir o processo legal", alertou a presidente do Idhab, Alexandra Reschke. Enquanto as autoridades falam, os invasores agem. A ocupação está se expandindo em direção aos lotes dos moradores antigos, perto do Lixão. O problema foi a causa de uma reunião, realizada ontem no Idhab, na qual nada foi decidido. Nova reunião foi marcada para amanhã, às 9h.